

ifigênia em utopia

pietro ferrua*

Breve apresentação de Pietro Ferrua, 1997

As circunstâncias que levaram à criação desta peça estão relacionadas ao Primeiro Simpósio Internacional sobre Anarquismo, no Lewis & Clark College, em Portland, em fevereiro de 1980.

Tínhamos aprovado uma lista de filmes para ser exibidos, uma série de reproduções de arte para serem expostas e um programa musical para ser apresentado. Mas ainda precisávamos de uma obra teatral. A pesquisa junto aos registros de peças inspiradas no anarquismo trouxe numerosos títulos, mas todos tiveram que ser descartados, um por um, devido a alguns “defeitos”: excesso de personagens, ausência de tradução para o inglês e um tom negativo nos textos.

* Professor Emérito do Lewis & Clark College, Portland, Estados Unidos, fundador do Centre International de Recherche sur l'Anarquisme, CIRA, viveu no Brasil entre 1963 e 1969.

Foi então proposto, em um dos encontros semanais de 1979, que nós mesmos tentássemos escrever uma peça original.

Quando o prazo final chegou, tínhamos apenas duas peças para escolher: *Emma*, de Howard Zinn e minha *Ifigênia em Utopia*. Nenhuma delas foi selecionada pelo comitê de leitura. A peça de Zinn, inspirada e dedicada à memória de Emma Goldman, não servia a nossos propósitos devido ao impacto, historicamente correto, mas psicologicamente negativo, que inevitavelmente confrontaria os expectadores com o triste problema da violência na tradição anarquista.

Ifigênia em Utopia foi rejeitada porque era muito longa. De acordo com o Dr. Willis e a equipe do Departamento de Teatro um mês de ensaio era insuficiente para preparar uma apresentação.

O comitê, de maneira geral, também não gostou da peça. Se dois membros se entusiasmaram, outro apontou diversas incorreções na comparação de meus personagens com aqueles da tradição grega, enquanto outro colega considerou que eu estava “sofrendo demais com o problema da violência”. Na sua opinião, o anarquismo, apesar de tudo, era um movimento revolucionário. A conclusão foi que, já que restava apenas um mês, era muito tarde para apresentar uma peça, e assim o programa teatral foi reduzido a uma leitura dramática de uma peça de um ato.

Fazendo uma retrospectiva, ocorreu-me que talvez meu objetivo de escrever esta peça do modo que o fiz não foi entendido ou não estava claro o suficiente. Um trabalho criativo nunca é completamente objetivo, mesmo baseado em personagens clássicos que não têm sombra alguma.

Ifigênia em Utopia

Desde Eurípides, diversos autores lidaram com Ifigênia de maneiras muito distintas. Alguns a fizeram morrer: ela se tornou uma vítima do sacrifício. Outros a fizeram sobreviver, e a vítima designada foi substituída no último momento por um conveniente animal. Mas eu quis fazer dela uma anarquista que se revolta contra o Destino, contra o paternalismo, contra a superstição, contra a violência, contra a tradição, contra o clero e contra as razões de Estado que clamavam por sua morte.

O exemplo me foi sugerido por uma amiga, uma verdadeira princesa na vida real, que estava destinada por seu pai, um verdadeiro rei, a se casar com outro rei, por razões de Estado. Embora não fosse uma anarquista, ela recusou este arranjo simplesmente porque não amava seu pretendente. Se ela já estava ou não envolvida com o homem com quem acabou se casando depois — apesar do fato dele ser divorciado e um mero burguês, não um aristocrata, talvez até mesmo um judeu, e ela católica romana —, foram necessárias coragem e uma forte personalidade para tomar uma atitude como esta na vida real.

Eu transformei Orestes e Pylades em co-conspiradores, em libertadores do povo que comandam uma guerrilha secreta não-violenta. Meus personagens revolucionários fazem afirmações que eu retirei das cartas de Sacco e Vanzetti, assim como da declaração do processo do julgamento do Caso Haymarket.

Sim! Eu transgredi a história, a geografia e a tradição, mas assim fizeram também Jean Racine e muitos outros antes ou depois dele, quando lidaram com a personagem Ifigênia. Eu descobri centenas de peças, coreografias, óperas, pinturas, poemas, afrescos, desenhos e filmes inspirados em Ifigênia. Um grande número deles abandonou ou traiu a tradição, assim como eu fiz.

O gênio dos grandes criadores de mitos, sejam religiosos, literários ou outros, é tal que qualquer desvio de sua mensagem deve ser interpretado como variação, como um eco, como uma homenagem, não mera imitação, ou pior, traição.

Em todo caso, quem diz que se Eurípedes vivesse em nosso tempo teria reverenciado os cruéis Deuses da tradição?

Ou, vivendo no século XX, não teria ele imaginado uma Ifigênia feminista, engajada, ativa e rebelde, tal como eu fiz?

IFIGÊNIA EM UTOPIA

(peça em quatro atos)

Personagens:

Calchas: sacerdote supremo da Corte de Argos

Agamêmnon: rei de Argos

Clytemnestra: rainha de Argos

Menelau: rei de Esparta, irmão de Agamêmnon

Aquiles: príncipe de Tróia

Ifigênia: filha mais velha de Agamêmnon

Electra: filha mais nova de Agamêmnon

Orestes: príncipe de Argos, filho de Agamêmnon e Clytemnestra

Pylades: Pastor, amigo de Orestes

Ifigênia em Utopia

PRIMEIRO ATO

Palácio do rei

Cena 1

Aposentos do rei

[*Agamêmnon e Calchas*]

Calchas — Deus salve o Rei!

Agamêmnon — Precisaremos de muitos de seus deuses para encontrarmos uma saída através da calmaria deste mar.

Calchas — Os deuses me inspiraram com uma solução, mas duvido que você seja capaz de submeter-se com sinceridade a seus desejos.

Agamêmnon — Desejos ou caprichos, parece-me que eu sempre demonstrei obediência à vontade dos deuses, cuja sabedoria eu prezo.

Calchas — Estou satisfeito em ouvi-lo falar desta maneira. Mas temo que você mudará essa opinião tão logo saiba qual sacrifício lhe cabe cumprir.

Agamêmnon — Não há limites para minha generosidade e para minha veneração aos deuses.

Calchas — Você lhes daria até mesmo seus mais preciosos pertences?

Agamêmnon — Eu cederia de bom grado todas as minhas riquezas para escapar desta provação.

Calchas — Prepare-se para renunciar a muito mais.

Agamêmnon — Todos os territórios conquistados pelo fim desta guerra.

Calchas — Abandonar o que não é seu não consiste em uma verdadeira oblação.

Agamêmnon — Mas essas conquistas custaram sangue. E investimos tempo e armas nesses feitos.

Calchas — Mas isso ainda não é um sacrifício pessoal.

Agamêmnon — Os deuses esperam algo mais tangível?

Calchas — Você está se aproximando da verdade.

Agamêmnon — Minha coroa?

Calchas — Mais do que isso.

Agamêmnon — Devo abandonar minha concubina para apaziguar a ira dos deuses?

Calchas — Rei, tenho sido seu confidente e seu amigo, tenho abençoado suas batalhas e seu casamento, o nascimento de seus filhos, mesmo a ovelha negra.

Agamêmnon — Você se refere à Ifigênia. Por que mencioná-la em tais circunstâncias? Eu sei que você não aprova as atitudes e o comportamento dela, mas é ainda minha filha e, em todo caso, ela não tem nada a ver com isso tudo...

Calchas — Mais do que você suspeita. Ela não conspirou com Clytemnestra contra você? Mas, de qualquer modo, minha tarefa não é julgar o que os deuses falam. Eu simplesmente os interpreto e cuido que a vontade deles seja respeitada.

Agamêmnon — Ifigênia é uma insubordinada, uma anarquista, mas com tempo e paciência, um marido autoritário e distância das más influências cosmopolitas e pacifistas, ela rapidamente aprenderá a respeitar

os valores do passado de acordo com a boa tradição de Atenas.

Calchas — Talvez os deuses pensem que ela esteja destinada a falhar, e que uma fruta podre deve ser descartada antes que todas as outras frutas se contami-nem...

Agamêmnon — Você está sugerindo que... Mas, o que exatamente querem os deuses?

Calchas — Eu tenho o doloroso dever de comunicarlhe que, na melhor tradição de nossos ritos, o inocente deve ser imolado.

Agamêmnon — Somos ainda vítimas da maldição que foi infligida à nossa família? A vergonha que minha mãe causou a nossa dinastia não é suficiente? São os deuses insaciáveis?

Calchas — Os desígnios dos deuses são insondáveis e é inútil, você sabe, se opor a eles. As coisas podem sempre piorar.

Agamêmnon — A experiência tem me mostrado que as coisas são sempre piores do que parecem. Eu já não paguei o suficiente pelo mal dos meus antepassados? Não é suficiente que eu não saiba se Atreus é meu pai ou se Tiestes, meu tio, é de fato meu genitor? O mesmo homem lascivo que seduziu sua própria irmã Pelópia e cujo monstruoso filho, Egisto, de acordo com a profecia, em breve se tornará o amante de minha mulher e meu assassino?

Calchas — Não dê ouvido a profetas malévolos, mas a este fiel sacerdote, seu humilde servo.

Agamêmnon — Às vezes duvido até de sua lealdade, pois você me transforma em um brinquedo em suas mãos. De fato é você quem determina minha conduta e

as políticas de meu Reino. O que aconteceria se eu lhe desobedecesse?

Calchas — Volte ao seu bom senso. Você está perturbado. Eu fingirei que nunca o ouvi duvidar de minha devoção e boa-fé. Com sua permissão, vou me retirar e interceder junto aos deuses em seu favor, espero encontrá-lo mais disposto mais tarde. Não tente opor-se aos deuses, ou eles o esmagarão.

Cena 2

Aposentos da rainha

[*Agamêmnon e Clytemnestra*]

Agamêmnon — Tenho um doloroso dever a realizar.

Clytemnestra — Você não poderia ao menos ter me trazido um presente, um sorriso, uma palavra bonita? Apenas más notícias sempre? Por que você não se purga de seu mau humor na companhia de sua favorita e guarda para sua família algo de seus bons momentos?

Agamêmnon — Agora não é momento para discussões. Coisas terríveis ocorrerão a nós...

Clytemnestra — Algumas novas premonições? Quem você teme desta vez? Os fantasmas de sua desmedida ambição? Conspirações terríveis? A invenção de novas guerras a pretexto da segurança do território do Reino?

Agamêmnon — Eventos tremendos estão para acontecer, *Calchas*...

Clytemnestra — Ah! Ele de novo! Não entendo você. Você é o maior e mais bravo dos reis e se deixa enganar por aquele sacerdote fanático, invejoso, intrigante e

Ifigênia em Utopia

maledicente. Como você sabe se ele está falando a verdade? Como você sabe se ele é o porta-voz dos deuses? Quem o investiu de autoridade espiritual?

Agamêmnon — Mas...

Clytemnestra — Não, você não tem nenhuma evidência direta, palpável... Apenas suposições. Se os deuses estão com ele, se a função deles é nos proteger, por que não provocam os ventos que seriam benéficos para nossos exércitos? Não poderia você desconsiderar seus conselhos uma só vez e fazer suas próprias escolhas?

Agamêmnon — Não blasfeme! Você irá trazer mais maldições para nós!

Clytemnestra — Eu não me importo. Não gosto de profetas, especialmente os maus e os falsos profetas.

Agamêmnon — Ele sempre tem nos servido com lealdade.

Clytemnestra — Você quer dizer que ele tem servido a ele mesmo e a seus acólitos. Você não se dá conta que os poderes dele e os poderes dos sacerdotes são escorados apenas em sua devoção e superstição? Sem sua proteção, o que eles fariam?

Agamêmnon — Mas eles são os pilares do meu reino. Sem Calchas e seus pares, como eu poderia obter obediência do meu povo, como poderia convencer meus súditos de que eles precisam sofrer nesta vida para serem mais felizes na próxima? Se eles não respeitassem os deuses, como poderiam aceitar lutar contra a fome e outras misérias? Eles poderiam revoltar-se, e...

Clytemnestra — Não seria o poder de suas armas que domina as pessoas? Não seria a estrutura hierárquica de seu exército e de nosso reino o que mantém o povo

em um estado de prostração, ou isto decorre das ameaças morais dos sacerdotes?

Agamêmnon — Estes fatores são inseparáveis. Ambos são necessários para tornar meu poder legítimo.

Clytemnestra — Mas afinal, qual é a terrível notícia que você tem para anunciar?

Agamêmnon — Os deuses solicitam um sacrifício para aplacar a cólera e...

Clytemnestra — Que deuses são estes que necessitam sofrimento humano para serem felizes?

Agamêmnon — Você fala como uma ateuista.

Clytemnestra — Eu falo com bom senso, mas quem é o cordeiro a ser oferecido?

Agamêmnon — Nossa própria filha Ifigênia...

Clytemnestra — Ifigênia! Eles ousam? E você ousa?

Agamêmnon — Eu tentei objetar a Calchas...

Clytemnestra — Eu amaldiçoou os deuses e Calchas, e mesmo você, se necessário.

Agamêmnon — Você está fora de si? Se recusarmos, todos nós vamos pagar: você, eu, Electra, Orestes, Argos, nosso povo e nosso país. O sacrifício de um salvará todos nós. Sua obstinação derrotará todos nós, incluindo até Ifigênia. Nós somos jovens. Podemos ter mais filhas e filhos. A guerra acabará. Será a última. Uma era de prosperidade vai começar. Nós esqueceremos o sangue inocente que terá sido o artesão de tal milagre. Além disso, Ifigênia não nos respeita, ela não nos ama, e talvez um dia ela poderia nos matar...

Clytemnestra — Matar os próprios pais?

Ifigênia em Utopia

Agamêmnon — Você nunca ouviu os discursos de Ifigênia contra reis e usurpadores, contra sacerdotes e mesmo contra os deuses? Quem sabe a quais excessos a mente dela poderá chegar com este fanatismo?

Clytemnestra — Não me importa o que você diga, ela ainda é minha filha, carne de minha carne, sangue do meu sangue. Tem de haver outra solução. Por que você não consulta Menelau?

Agamêmnon — Sim. Vamos ouvir o que ele tem a dizer.

Cena 3

Aposentos do rei

[*Menelau e Agamêmnon*]

Menelau — Posso ver que você está aflito, meu querido irmão. O que mais aconteceu?

Agamêmnon — A maldição de nossa família está ameaçando novas vítimas.

Menelau — Não é suficiente que isso tenha causado o rapto de Helena, a mais bela das criaturas vivas e a mais doce das esposas?

Agamêmnon — Ifigênia é agora a vítima predestinada.

Menelau — O que pode ser feito?

Agamêmnon — Você poderia pedir uma graça a Zeus. Afinal, ele é seu sogro.

Menelau — Zeus não moveu um dedo em favor da própria filha. Ou ele não pôde, ou não quis. Se não pôde, então o poder dos deuses é uma farsa; se ele não quis,

então significa que, ou ele é um deus inflexível, ou então ele pensa que Helena é mais feliz onde está. Eu não me recuso a te ajudar, apenas acho que não adiantaria nada implorar a ele.

Agamêmnon — Eu estou angustiado, irmão, assim como Clytemnestra. Não queremos desobedecer aos deuses, mas nos ressentimos com o pedido que nos estão fazendo. Você vislumbra uma saída?

Menelau — Traição ou força são os últimos recursos que nos restam. Vamos considerar ambos.

Agamêmnon — Como poderemos trapacear os deuses?

Menelau — Não precisamos fazer isso. É suficiente enganar Calchas.

Agamêmnon — Aquela velha raposa! Será difícil, senão impossível.

Menelau — Lembra das velhas histórias das vítimas de sacrifício substituídas no último minuto por uma menina camponesa ou um cordeiro?

Agamêmnon — O executor é uma das criaturas de Calchas, como podemos suborná-lo ou enganá-lo?

Menelau — Uma solução militar é possível. Com a ajuda de Aquiles, que no momento é nosso hóspede, podemos aprisionar Calchas e seus sacerdotes.

Agamêmnon — Precisaremos convencer os oficiais, e isso não garante que poderemos aplacar a ira dos deuses.

Menelau — Nós poderemos encontrar novos profetas e novos sacerdotes para apaziguar os oficiais e soldados e tê-los intervindo em nosso favor junto aos deuses.

Ifigênia em Utopia

Agamêmnon — Vamos consultar Aquiles e ver o que ele pode fazer por nós. Mas o que podemos lhe prometer em troca?

Menelau — Poderemos propor que Ifigênia seja sua esposa, já que ele demonstrou algum interesse por ela.

Agamêmnon — Não estou certo que possamos convencê-la.

Menelau — Será mais fácil empurrá-la para um casamento com Aquiles e uma vida no estrangeiro do que ela aceitar de bom grado uma morte certa.

Agamêmnon — Se for para o bem dela, poderemos tentar.

Cena 4*Aposentos do rei*

[*Aquiles e Menelau*]

Aquiles — Você me chamou?

Menelau — Sim. Quero compartilhar com você um segredo e lhe trazer boas-novas.

Aquiles — Estou ansioso em ouvir o que você tem em mente.

Menelau — Parece-me que você não é indiferente aos encantos precoces de minha sobrinha Ifigênia.

Aquiles — É um fato conhecido que eu aspiro pela mão dela, mas seu pai nunca consentirá em deixá-la se casar comigo.

Menelau — Agamêmnon ouviu minhas sugestões e usualmente as acata.

Aquiles — Ele tem se oposto a esta aliança sob o pretexto de que, como não nasci em Argos, ele me considera um bárbaro.

Menelau — Mas você é nosso aliado, e a vida traz mudanças. Em segredo, posso dizer que Agamêmnon modificou sua opinião sobre você e não se oporá, sob certas circunstâncias, a tal união.

Aquiles — Quais condições isso implica?

Menelau — Alguma ajuda militar sua e de suas tropas.

Aquiles — Contra quem?

Menelau — Contra a sorte e contra os artesãos do destino.

Aquiles — O que isso quer dizer?

Menelau — Contra os sacerdotes cujo poder espiritual se tornou temporal.

Aquiles — Mas isso é sacrilégio!

Menelau — Menos sacrilégio do que o sacrifício de uma menina inocente, de uma princesa.

Aquiles — É Ifigênia a predestinada a perecer?

Menelau — Vejo que você entende. Apenas você pode salvá-la, e ela será sua recompensa.

Aquiles — E o que ela pensa disso tudo?

Menelau — Ela tem sido mantida em total ignorância do que ocorre.

Aquiles — E quem irá informá-la das decisões dos deuses?

Menelau — Algumas verdades devem ser evitadas tanto quanto possível.

Ifigênia em Utopia

Aquiles — De qualquer modo, você depende de mim como vosso salvador. E se eu falhar ou me recusar?

Menelau — É do seu maior interesse compartilhar nossos planos. Se você falhar, falharemos todos e pagaremos um alto preço por isso. Todos nós.

Aquiles — Deste modo, eu sou o homem da Divina Providência para vocês.

Menelau — De certo modo.

Aquiles — Assim, sou eu quem deve impor condições.

Menelau — Ifigênia não é uma recompensa suficiente?

Aquiles — Podemos também ajustar velhas disputas de fronteiras.

Menelau — Uma aliança entre nossas dinastias poderia abolir quaisquer diferenças futuras. Juntos poderíamos dominar o Mediterrâneo e estabelecer nossa civilização como um exemplo para todos os povos hostis.

Aquiles — Dê-me algum tempo e deixe-me consultar meus conselheiros.

Menelau — Calchas e os deuses estão impacientes, não hesite muito.

Cena 5

Salão dos hóspedes

[*Aquiles e Ifigênia*]

Aquiles — Perdoe-me por interromper sua meditação, mas motivos superiores me trazem aqui.

Ifigênia — Algum acordo político que me envolva?

Aquiles — Você deve ser uma adivinha.

Ifigênia — É fácil adivinhar. Sua pressa e aparência são reveladoras.

Aquiles — Você vê alegria em minha expressão?

Ifigênia — Uma mistura de triunfo e apreensão.

Aquiles — A alegria de ver meus sonhos se tornarem realidade e o medo do inesperado.

Ifigênia — Qual dos seus sonhos?

Aquiles — Aquele de fazer você a eterna rainha do meu coração.

Ifigênia — O que te dá essa certeza?

Aquiles — Todas as barreiras ao nosso casamento desmoronaram súbita e milagrosamente.

Ifigênia — O que lhe deu este poder mágico?

Aquiles — Seu Reino precisa de minha ajuda e...

Ifigênia — E em troca você espera se casar comigo. O que lhe faz acreditar que eu sou objeto de propriedade ou um troféu? Você não acha que eu deveria ser consultada em assuntos de tal delicada natureza?

Aquiles — Eu vim para explicar...

Ifigênia — Nem para explicar, nem para perguntar, nem para implorar, e sim para me informar que alguém decidiu por mim, em meu lugar. Isso é ultrajante e insultuoso.

Aquiles — Você me considera tão repulsivo, tão sem valor?

Ifigênia — Não, você é um príncipe valoroso, um homem atraente, um invejado partido, mas quando se trata de sentimentos, eu gosto de mais discrição, modéstia

Ifigênia em Utopia

e, acima de tudo, eu quero ser capaz de fazer uma escolha independente.

Aquiles — Você não fala como uma princesa de Argos.

Ifigênia — Não há nenhum Argos ou Micenas ou Esparta ou Tróia ou qualquer outro reino que me deixaria repudiar minha independência de julgamento, minha liberdade de movimento, minha aspiração por igualdade. Por que os pais devem continuar impondo sua vontade às crianças, a Menelau, às mulheres...

Aquiles — Aos reis, ao povo etc. Você está contestando o princípio de autoridade no qual se baseiam a família e a sociedade.

Ifigênia — Por que não?

Aquiles — Porque a história nos ensinou que sem regras e ordem, sem lei e governos, sem autoridade e obediência, a vida não seria possível.

Ifigênia — A história tem nos mostrado apenas guerras, miséria e injustiça. Poucos têm decidido pela maioria.

Aquiles — Porque a maioria é ignorante e maldosa e deve ser guiada para a virtude por um longo aprendizado de bondade. O poder foi dado aos sábios para que possam educar o povo.

Ifigênia — Quem são os sábios?

Aquiles — Seu pai não é um deles?

Ifigênia — Esse é um assunto delicado. Mas quem decide quem é sábio?

Aquiles — Os deuses, claro!

Ifigênia — Eles nunca me disseram nada.

Aquiles — Os deuses não falam com pessoas comuns, mesmo princesas. Os deuses têm seus representantes

a quem eles confiam e solicitam para serem seus intermediários.

Ifigênia — É a palavra dos sacerdotes contra a minha. Você já pensou que eles poderiam estar mentindo ou inventando tudo?

Aquiles — Por que eles fariam isso?

Ifigênia — Para instaurar e perpetuar seu poder.

Aquiles — Como podem fazer isso sem a ajuda dos deuses?

Ifigênia — Os sacerdotes são espertos o suficiente para afirmar e validar o poder dos fortes e dos ambiciosos.

Aquiles — Isto apenas comprova que a força do espírito é superior àquela das armas. O que é um sinal positivo. O espírito mitiga o excesso de poder temporal.

Ifigênia — Você não percebe que o que está ocorrendo é exatamente o oposto? Calchas...

Aquiles (interrompendo porque ele quer evitar o assunto) — Desculpe-me, para falar a verdade, eu vim aqui para falar de amor e não de guerra.

Ifigênia — Eu vejo que você não gosta de discutir política com uma mulher, com uma jovem e inexperiente mulher, cujo único defeito é querer pensar por ela mesma e cuja inteligência...

Aquiles (galanteador) — Inteligência e beleza que eu prezo demais, tanto que eu gostaria de...

Ifigênia — Você quer esmagá-las tornando-as sua propriedade privada.

Aquiles — Não é isso que eu queria dizer. Por que seu coração é tão duro, tão frio?

Ifigênia em Utopia

Ifigênia — Aquiles, eu já lhe disse. Você tem muitas qualidades, mas eu mal o conheço. O amor não é algo que se possa impor. Você pode apenas propô-lo. Ele deve crescer. Deve ser compartilhado.

Aquiles — Você acha isso tão difícil?

Ifigênia — O que eu acho difícil é que vocês homens sempre têm de decidir por nós. Vocês não dão espaço e tempo suficientes para nossas escolhas. Demora mais do que um par de encontros para se firmar uma comunhão amorosa.

Aquiles — Nós não temos tempo. Os acontecimentos estão pressionando.

Ifigênia — As razões de Estado, você quer dizer.

Aquiles — É uma questão de vida ou morte...

Ifigênia — Para você?

Aquiles — Não exatamente.

Ifigênia — Eu entendo agora. Calchas e tio Menelau enviaram você para mim. Aga... espere, meu pai nunca consentiria com nosso casamento, não fosse...

Aquiles — Você adivinha?

Ifigênia — Outro sacrifício, e eu sou a vítima escolhida.

Aquiles — Eu não vim falar sobre luto. Há uma saída...

Ifigênia — Meu pai sabe?

Aquiles — Eu conversei apenas com Menelau.

Ifigênia — Ele consentiu com meu sacrifício? Eu preciso falar com ele. Desculpe-me.

(Abre a cortina e sai)

SEGUNDO ATO

Palácio de Argos

Cena 1

Aposentos do rei

[*Ifigênia e Agamêmnon*]

Ifigênia — Pai, conte-me a verdade!

Agamêmnon — Filha, os deuses...

Ifigênia — Você quer dizer Calchas.

Agamêmnon — Calchas ou os deuses, tanto faz.

Ifigênia — Não concordo, mas é irrelevante agora. Eu quero saber sobre os seus sentimentos.

Agamêmnon — Você sabe muito bem o quanto eu lhe prezo. Eu sempre preferi você a Electra ou Orestes.

Ifigênia — Talvez porque você nunca conseguiu me submeter à sua vontade, como fez com eles.

Agamêmnon — É verdade que você sempre foi uma criança muito difícil: desobediente, obstinada.

Ifigênia — Tal qual você me contou que era em relação ao meu avô Atreus.

Agamêmnon — Mas eu era um menino e ele era cruel.

Ifigênia — Bem, eu sou uma menina e acho você cruel.

Agamêmnon — Você está chamando de crueldade minha devoção ao reino?

Ifigênia em Utopia

Ifigênia — Reino, governo, Estado, República, o que isso importa? Você é um prisioneiro da mística do poder.

Agamêmnon — Pela vontade dos deuses fui colocado em uma posição de comando e devo exercê-lo o melhor que eu puder. Alguém deve fazê-lo.

Ifigênia — Você não espera que os homens devam ser capazes de dirigir diretamente suas vidas sem receber ordens do alto?

Agamêmnon — Você fala como um filósofo. No abstrato. Você é uma idealista. Os jovens freqüentemente o são. Você mudará com o tempo, quando a vida lhe der experiência e você for confrontada com o lado lúcido da realidade.

Ifigênia — Eu vejo realidades repugnantes o bastante em volta de mim. Eu não preciso esperar. É você que está tão impregnado de realidade que não consegue nem apreciar o pôr do sol, o canto dos pássaros, a melodia deste mar profundamente azul. Seu poder é fraqueza. Seus gestos de autoridade são uma revelação de suas limitações. Aquele que está em harmonia consigo mesmo não anseia pelo poder.

Agamêmnon — Como ousa julgar seu pai, que atravessou guerras, provações, traições, complôs, invejas, enfermidades?

Ifigênia — Eu compreendo seus sofrimentos, mas quantas mágoas similares você infligiu, tanto a seus inimigos quanto a seu próprio povo?

Agamêmnon — Isso é uma lei da natureza.

Ifigênia — A natureza é muda e neutra. Oferece-nos sombra contra os raios do sol, refúgio contra chuvas e tempestades, águas límpidas contra a sede, néctar para a fome. Podemos fazer dela nossa inimiga ou nossa amiga e alia-

da. Não há leis da natureza. Minha natureza não é a sua. Para mim ela inspira paz e para você a guerra.

Agamêmnon — Mesmo os animais e plantas lutam pela sobrevivência, e apenas as espécies fortes permanecem vivas.

Ifigênia — Animais da mesma espécie ajudam-se mutuamente. Observe os lobos: Que lição! A loba que você matou ano passado, lembra? Deixou dois filhotes. O pai pegou ambos em sua boca e fugiu. Ele correu até encontrar outra matilha de lobos, outra família, outra loba para tomar conta dos seus filhos. O homem é o único animal que mata seus pares.

Agamêmnon — Eu não te entendo: você está a favor ou contra o homem? Eu amo meu povo e o protejo. Essa é a razão pela qual eles me fizeram seu rei.

Ifigênia — Mas você não hesitaria em sacrificá-los pelo bem da estabilidade do seu poder. Eles ou sua família. Sua própria filha.

Agamêmnon — Então você já sabe. Quem lhe contou?

Ifigênia — Não interessa quem me contou. O que importa é que você é tão prisioneiro do seu sistema que nada é sagrado nem valioso para você. Em vez de desprezá-lo, talvez eu tenha piedade de você: sua insegurança, sua covardia. Eu deveria me deixar ser imolada pelo mero desprezo que lhe tenho. Ou talvez tratá-lo como a um tirano. *(Sai)*

Agamêmnon — Espere...

Ifigênia em Utopia

Cena 2*Aposentos da rainha**Ifigênia e Clytemnestra*

Ifigênia (lança os braços em volta da mãe e chora) — Por que o destino colocou tanto peso em mim?

Clytemnestra — Estou surpresa em ouvir você mencionar a Providência. Não pensei que você acreditasse em predestinação.

Ifigênia — É apenas uma figura de linguagem. Não importa. Afinal, sim, eu acreditava em destino. Penso que a humanidade está predestinada a uma vida melhor, que virá o dia em que nenhuma razão de Estado irá se incumbir de princesas, ou mulheres comuns, ou indivíduos, no qual qualquer um será livre para escolher seu destino, ou seja, onde e como viver, a quem amar, com quem se casar, etc.

Clytemnestra — Isso é utopia.

Ifigênia — Todas as realidades de hoje foram utopias no passado.

Clytemnestra — Você aceita seu destino?

Ifigênia — Eu protesto contra o destino e contra os deuses que o ditaram. Contra o sacerdote que convenceu meu pai. Contra o mal nele que fez você aceitar a idéia do meu sacrifício.

Clytemnestra — Calma. Nós temos planos. Vamos livrar você da morte.

Ifigênia — Eu me ressinto de suas maquinações. Falta-lhe coragem para se opor à ordem, à ordem desuma-

na que a priva de sua filha. Talvez isso seja até um alívio para você. Você quer se livrar da pequena delinqüente. Eu sou uma anomalia em seu sistema. Eu poderia contaminar Electra e Orestes, e, quem sabe, mais gente, e me tornar uma ameaça ao *establishment*.

Clytemnestra — O desespero a cegou.

Ifigênia — Não desespero, mas indignação. Vocês se consideram rei e rainha, mas de fato são escravos. Em minha utopia vocês seriam mais livres do que agora com toda vossa aparente riqueza.

Clytemnestra — Qual a vantagem em ser livre e morto?

Ifigênia — Vocês estão mortos. Mortos para o amor, para os sentimentos verdadeiros, para a afeição. Vocês subordinam tudo aos deuses, aos sacerdotes, ao poder, ao reino. Vocês negam a si próprios, vocês mentem para si mesmos. E vocês mentem para vossos filhos. Como irão explicar isso a Electra e Orestes? Como justificarão estarem entregando minha vida para os fantasmas dos vossos medos?

Clytemnestra — Como eu disse, ainda há esperança.

Ifigênia — Você quer dizer Aquiles.

Clytemnestra — Você sabe?

Ifigênia — Ele é igual a você. Temeroso demais dos seres supremos. Sua mão vai tremer. Ele vai trair você, trair a nós. Eu sinto isso.

Clytemnestra — Menelau vai vigiá-lo e nos proteger.

Ifigênia — Do mesmo modo que ele protegeu sua mulher?

Clytemnestra — O que alguém pode fazer contra a malícia e a traição?

Ifigênia em Utopia

Ifigênia — O que eu posso fazer contra a malícia, a traição e mais covardia e abandono?

Clytemnestra — Nós não vamos abandoná-la, a não ser que os deuses abandonem a nós todos. Nossa própria filha?

Ifigênia — Não se têm respeitado muito os filhos e filhas em nossa família.

Clytemnestra — Você está se referindo ao absurdo rumor sobre incesto?

Ifigênia — Você nunca cogitou que um dia as filhas poderiam protestar e revoltar-se, e vingar-se por elas mesmas?

Clytemnestra — Você está nos ameaçando?

Ifigênia — Que tal autodefesa?

Clytemnestra — Eu ordeno que você volte ao seu quarto até que recupere seu bom senso e peça desculpas.

Ifigênia — Sim, mamãe. Talvez adeus, mamãe.

Cena 3

Aposentos da rainha

[*Clytemnestra e Electra*]

Clytemnestra — Tenho más notícias para você, Electra. Considero você com idade suficiente para aprender a verdade antes que seja tarde.

Electra — Como quiser, mamãe.

Clytemnestra — Você ama seu irmão, Electra?

Electra — Algo aconteceu a Orestes?

Clytemnestra — Ele está caçando com Pylades. Ele gasta todo seu tempo com aquele plebeu e seu rebanho de ovelhas. Você ama sua irmã?

Electra — Então é Ifigênia? Pareceu-me, agora me lembro, que ela tentava esconder suas lágrimas quando eu a vi alguns minutos atrás.

Clytemnestra — Você sentirá falta de tua irmã se ela partir para uma longa viagem?

Electra — Ela nunca brinca comigo. Deve pensar que sou jovem demais. Ela pouco conversa comigo. Acho que ela não me preza ou não gosta de mim.

Clytemnestra — E você, você a ama?

Electra — Apenas nas poucas vezes em que ela me conta estranhas histórias na hora de dormir. Ela está sempre falando sobre uma nova vida. Algum lugar onde pássaros cantam todo tempo, cães não mordem os gatos, os jumentos não são mortos quando envelhecem, e há queijo, olivas e néctar para todos. Há um poeta, Orfeu é seu nome, que canta e toca a lira e conta velhas histórias, todas extraordinárias.

Clytemnestra — E o que mais ela lhe conta?

Electra — Que as guerras são um pecado. Que todas as armas devem ser destruídas e todos os exércitos dissolvidos. Que os soldados deveriam arar a terra e que toda Argos, Micenas, Esparta e Grécia deveriam ser pastos verdes com grãos dourados de trigo aqui e ali. Cada um que tivesse sede ordenharia a cabra mais próxima e colheria maçãs maduras da árvore ao lado.

Clytemnestra — Fábulas, fábulas, contos de fadas...

Electra — Neste ponto eu geralmente caio no sono, então sonho com um barco navegando pelo Mediterrâneo e vou indo, indo, indo. Em cada porto as pessoas sorriem

Ifigênia em Utopia

para mim e me dão comida para eu continuar minha viagem.

Clytemnestra — Um dia quando esta guerra acabar, nós vamos levá-la, seu pai e eu, para uma esplêndida viagem marítima.

Electra — E Orestes e Pylades também?

Clytemnestra — Orestes com certeza. Pylades, talvez, como servo.

Electra — E Ifigênia?

Clytemnestra — Ifigênia talvez tenha que partir para outra longa viagem, em outra direção.

Electra — Ela voltará?

Clytemnestra — Em seus sonhos, sim, você a verá em seus sonhos.

Electra — Mas, ela está indo para a região sem volta? Para o Hades?

Clytemnestra (mudando o tom) — Ela foi designada como vítima de sacrifício. Fique grata que foi ela, não você.

Electra — Ela morrerá?

Clytemnestra — O que você sabe sobre a morte?

Electra — Eu sei que é injusta, irreparável.

Clytemnestra — É paz eterna e silêncio.

Electra — Por que a vida não é eterna? Por que não somos capazes de vivermos tanto quanto queremos, longo o suficiente para ver cada coisa e lugar que existem, para conhecer cada habitante da terra, para aproveitar da companhia de nossos filhos, depois de nossos netos, e...

Clytemnestra (impaciente, categórica) — Os deuses assim o querem.

Electra — E você, o que você quer? Vai permitir que Ifigênia morra?

Clytemnestra — Estou tentando salvá-la.

Electra — E o pai, o que ele diz?

Clytemnestra — Ele tem o grande fardo do reino e não pode ver as coisas na perspectiva adequada.

Electra — E Ifigênia, como ela reage?

Clytemnestra — Ela nos despreza, e ao poder real, e aos sacerdotes, e aos profetas, e aos deuses. Ela não acredita em coisa alguma, não confia em ninguém, recusa-se a obedecer. Ela está traumatizada, amarga, completamente afastada da família e da pátria. Acalme-a, se puder.

Electra — Eu farei o que puder.

Cena 4

Aposentos de Electra

[*Electra e Orestes*]

Electra — Irmão, finalmente. Eu esperava por você ansiosamente. Eu mandei lhe chamar horas atrás.

Orestes — Algo urgente? Sério?

Electra — Mais do que isso: trágico!

Orestes — Relacionado a você?

Electra — À nossa irmã.

Orestes — Conte-me.

Electra — Um complô dos deuses, dos sacerdotes e...

Ifigênia em Utopia

(Desmaia)

Orestes — Electra, sente-se melhor?

Electra — Eu tive um lapso, pois o que tenho a dizer me horroriza.

Orestes — O que é tão terrível?

Electra — Nossos próprios pais estão sucumbindo às demandas dos deuses e estão prontos a sacrificar Ifigênia.

Orestes — Devemos nos opor a seus designios.

Electra — Podemos salvá-la?

Orestes — Com a ajuda de Pylades nós podemos.

Electra — Como poderia um pastor pobre e ignorante ser capaz de ajudar uma princesa? Ele a disfarçaria de pobre pastora, como em velhos contos, e enviaria outra vítima para o sacrifício? Ou ele a esconderia em uma gruta e a alimentaria com pão e ricota?

Orestes — Pylades pode ser pobre, o que apenas significa que ele foi honesto toda sua vida, mas ele está longe de ser estúpido. Ele pode não ser bem instruído, mas isto não é a mesma coisa. Em segredo, ele é um entre as centenas que se encontraram secretamente contra a tirania de Agamêmnon.

Electra — Contra nosso próprio pai?

Orestes — Não contra ele como pessoa, mas contra ele enquanto símbolo de opressão.

Electra — E você faz parte deste complô? Você está voltando suas armas contra seu próprio sangue?

Orestes — Nós, quero dizer, os insurgentes, não temos intenção de matá-lo, ou a quem quer que seja, apenas queremos desarmá-los, colocá-los em uma posição

que não machuquem ninguém nunca mais. Depois do levante, em uma nova sociedade, haverá lugar para ele também. Não mais como um déspota, mas como um cidadão livre trabalhando como qualquer um para construir uma sociedade de bem estar.

Electra — Isso soa como as histórias que Ifigênia me conta à noite ao pé da cama. Ou se parece com meu sonho.

Orestes — Sonhos não são nada mais do que desejos secretos... mas você assegura que Ifigênia fala deste modo?

Electra — Sem dúvida.

Orestes — Então ela é uma de nós.

Electra — O que você quer dizer com “nós”?

Orestes — Como eu, como Pylades, como aquelas centenas que eu estava a lhe dizer. Nós devemos salvá-la. Talvez o dia tenha chegado, o dia da revolta. Alguns de nós irão perecer, mas outros sobreviverão e serão livres para sempre.

Electra — Tudo o que você diz faz sentido. Você me convenceu. Eu concordo com você. Fale com Pylades. Vamos organizar o levante. Vamos agir rapidamente, antes que Ifigênia seja sacrificada.

Orestes — Procure sua irmã. Peça para ela brincar com você ou lhe contar uma das suas histórias favoritas. Esconda-a em sua cama se necessário. Ela deve estar em perigo, mas eles não irão procurá-la em seu quarto. Para quando a cerimônia está marcada?

Electra — Não me foi dito. Mas mesmo que seja para amanhã, não será antes do amanhecer. É quando eles capturam suas vítimas, no meio do sono, de modo que

Ifigênia em Utopia

não possam se dar conta se o que acontece é real ou se estão ainda sonhando.

Orestes — Estou indo ao encontro de Pylades. Estarei de volta antes da alvorada.

Electra — Tome cuidado. Aprese-se!

Cena 5

Uma cabana de pastor

[*Orestes e Pylades*]

Orestes — Meu bom amigo, meu melhor amigo, vim correndo aqui para lhe pedir ajuda.

Pylades — Príncipe, não há nada que eu não faria por você, mesmo arriscando minha própria vida.

Orestes — Não me chame de Príncipe, sou seu amigo.

Pylades — Já que estamos sozinhos, eu posso. Lembre-se que eu não devo chamá-lo de amigo em público para não constrangê-lo ou atrair suspeitas. Discrição é absolutamente indispensável até o dia da...

Orestes — ... da rebelião? Ela pode estar mais próxima do que você pensa. Por isso estou aqui.

Pylades — Que notícias você traz?

Orestes — Algo inesperado. Algo que não foi previsto em nossos planos. Algo atroz. Minha irmã Ifigênia...

Pylades — ... foi selecionada para sacrifício?

Orestes — Como você soube? Tem espiões na corte?

Pylades — Uma suposição fácil. Quando o exército reclama junto aos profetas, estes invocam os deuses que

supostamente sugerem a eles a idéia de um rito conciliatório. Isso mantém o povo subjugado e responde por sua falta de determinação, de coragem, de estratégia.

Orestes — Minha irmã, imagine! Com o consentimento de seus pais, dos meus degenerados pais. Eu sempre senti que eles não nos amavam o suficiente.

Pylades — Não se aflija. Não é que eles não gostem de vocês. Isso é apenas porque eles são egoístas e medrosos, e são prisioneiros do próprio sistema.

Orestes — Você estava certo quando me dizia que a tirania não faz os tiranos felizes. Nem seguros.

Pylades — O tirano é um tigre de papel. Sua fúria é mero descontentamento. Sua autoridade, um produto da insegurança. Nós devemos culpá-los, claro, mas também condoer-nos deles. Eles nunca estão felizes.

Orestes — É estranho que você diga isso, em sua pobreza.

Pylades — Não fosse por eles, quem poderia ser mais feliz do que eu sou? O galo me acorda pela manhã e quando eu vou desejar-lhe bom dia, eu encontro mornos ovos que foram colocados para mim pelas galinhas. Os primeiros raios de sol aquecem na ânfora a água com que lavo meu rosto. Eu ando pelas florestas e campos e encontro cogumelos, caracóis, figos e parreiras. Eu visito as abelhas que me recebem com mel. Tudo é uma sinfonia de cores e canções. Como não posso ser feliz? Eu me inclino ao solo e as sementes que havia plantado dias ou semanas atrás se desenvolveram, cresceram. Um pouco de água é tudo que elas pedem para sua felicidade, um pouco de água e... você sabe o quê, o milagre da vida repete-se a cada dia sob meus olhos: o sol nunca esquece de se levantar e a natureza me oferece tudo o que necessito, mais do que eu necessito. Pode você, Prín-

Ifigênia em Utopia

cipe, podem os reis e sacerdotes me igualar neste meu júbilo?

Orestes — Certamente não. Mas eu encorajo você agora a pensar em uma solução para salvar Ifigênia.

Pylades — Onde está ela? Está em um lugar seguro? Quando acontecerá a cerimônia do sacrifício? Quanto tempo ainda temos?

Orestes — Electra a esconderá por esta noite. Ainda temos algumas horas.

Pylades — Algumas horas? Isso não é suficiente. Meu primo pode tomar conta das ovelhas, mas eu preciso de mais tempo para avisar meus camaradas, para convocar uma reunião secreta, para encontrar armas, aliados. Não podemos desarmar um exército, um poderoso exército, com pedras e sem nenhuma estratégia. Onde eles escondem o arsenal de armas?

Orestes — Posso levar você até lá. Mas há guardas em todo canto e apenas pessoas uniformizadas são admitidas.

Pylades — Podemos roubar uniformes? Podemos disfarçar alguns de nossos camaradas como soldados?

Orestes — Há uma senha, mas eu não a conheço. Ela muda três vezes ao dia e é secreta, mesmo para mim.

Pylades — Então devemos atacá-los de surpresa. Encontre alguma ajuda nas fileiras militares.

Orestes — Aquiles, talvez...

Pylades — Eu não confiaria nele. Ele é como eles.

Orestes — Mas ele está enamorado de Ifigênia. Talvez possamos convencê-lo a nos ajudar.

Pylades — Tente, mas seja cuidadoso. Agora o importante é agir o mais rápido que pudermos. Volte para a corte e vigie Calchas e Ifigênia. Eu vou partir para minha missão e o informo antes do pôr do sol.

Orestes — Vá agora. (*Eles se abraçam*)

TERCEIRO ATO

Cena 1

Templo

[*Calchas e Ifigênia*]

Calchas — Sua visita me surpreende.

Ifigênia — Não deveria. E você sabe muito bem o que quero dizer. Não é?

Calchas — Acredite em mim, um dever dolorido é este meu. Eu daria minha própria vida para salvá-la, se eu pudesse. Mas a escolha dos deuses recaiu em você, e em mais ninguém. Seu sacrifício salvará sua família, sua dinastia, seu país. Você não está orgulhosa? A História perpetuará seu nome como uma mártir, uma heroína. E você irá para uma vida melhor. Uma vida sem sofrimento, uma vida longe da política, guerras, conspirações. Uma vida de beatitude. Uma vida...

Ifigênia — Basta! Você é o primeiro a não acreditar no além. Você é perfeitamente ciente do fato de que não há amanhã lá. Todas estas anedotas são boas para impor sua vontade ao povo ignorante e supersticioso. Não há nenhum além. Há terra, vermes e putrefação.

Ifigênia em Utopia

Calchas — Você me assusta com essa impertinência, com suas presunções, com seus discursos ateístas. De onde vem essa amargura? Não dos seus piedosos pais, não de...

Ifigênia — Vem da minha percepção de sua hipocrisia, da minha atenção a suas intrigas, enojada com seus negócios sujos. Sanguessuga!

Calchas — Eu perdôo sua blasfêmia, produto de seu medo. Você é muito jovem para entender. Muito orgulhosa e arrogante para escutar. Você quer impor sua vontade aos deuses, em vez de obedecê-los.

Ifigênia — E se os deuses tivessem falado comigo e me contado que você é um impostor, um usurpador, um falso profeta? E se eles me tivessem sugerido livrar-me de você, desmascarar você e todos seus pares, que fingem falar em nome dos deuses?

Calchas — Os deuses não falam, nunca falaram por meio de uma garota jovem e inexperiente.

Ifigênia — Verdade. Porque os deuses não falam, nem a você nem a mim.

Calchas — Ou seja?

Ifigênia — Porque os deuses existem apenas na sua imaginação.

Calchas — Como ousa?

Ifigênia — Eu estava enganada. Eles existem apenas na imaginação dos pobres crentes. Não na sua. Você apenas usa da ingenuidade deles, de sua condescendência, para os dominar, assim como os sacerdotes antes de você, como os sacerdotes de outras civilizações...

Calchas — Que outras civilizações? Não há nenhuma outra além da Grécia.

Ifigênia — Você sabe muito bem, pelas histórias dos navegadores e mercadores, que há muitos outros povos e países além de Argos. Eles falam outras línguas, eles têm outros costumes, outros deuses. E também têm sacerdotes e profetas como você, que vivem e dominam graças à ingenuidade do seu povo.

Calchas — Em sua perfídia eu vejo uma razão a mais para você ir ao altar do sacrifício. Os deuses devem estar furiosos com você por esse motivo. Agora eu entendo melhor as motivações dos deuses.

Ifigênia — Na medida em que você contribui para isso, claro, seu sistema não admite dissidentes. “Faça o que deseja, desde que você não vá contra nós”, não é esta sua moral?

Calchas — Você generaliza, você simplifica, você...

Ifigênia — O que acontece a seu sistema quando, e se, alguém diz “não”? Cai em pedaços, pois é sustentado apenas por mentiras, suposições, ameaças. Bem, eu digo “não”. Mate-me. Outros depois de mim dirão “não”. Até que o “não” mate você.

Calchas — Você quer matar-nos?

Ifigênia — Falo metaforicamente. Não há nenhuma necessidade real de matar você, Calchas, ou outros perversos sacerdotes e profetas como você, se o povo simplesmente cessar de obedecer. Um dia virá quando...

Calchas — Ilusão. As coisas nunca mudam. Sempre haverá dirigentes de consciência em qualquer lugar ou em qualquer tempo. Eles podem mudar o nome, fisionomias, linguagem, mas eles persistirão. O povo é uma eterna criança.

Ifigênia — O povo crescerá exatamente como as crianças, e isso será o fim de sua dominação. Não neces-

Ifigênia em Utopia

sitamos matá-lo. Eu não vou matá-lo. Eu apenas cuspo na sua face e o amaldiçoô. (*Ela sai apressadamente*)

Cena 2

Aposentos de Electra

[*Ifigênia, Electra, Orestes*]

Electra — Tenho procurado você por toda parte, Ifigênia.

Ifigênia — O que é este súbito interesse em mim?

Electra — Quero que você me conte uma história de dormir. Um de seus longos e lindos contos, cheio de aventuras. Deite-se ao meu lado!

Ifigênia — Tenho outros deveres e preocupações.

Orestes — Nós sabemos. Por isso queremos você aqui. *Electra* irá escondê-la por esta noite e eu irei protegê-la.

Ifigênia — Não há proteção possível. Eu ofendi Calchas, e ele irá solicitar uma punição rápida.

Orestes — Ele não ousará perseguir você dentro do palácio, à noite.

Ifigênia — Ele ganhou a cumplicidade de nossos pais.

Electra — Eles estão relutantes em entregar você ao sacrifício, eles estão tentando salvá-la.

Ifigênia — Não após os últimos desdobramentos.

Orestes — Em breve receberemos ajuda de Pylades.

Ifigênia — Pylades com suas ovelhas nada pode fazer para me salvar.

Electra — E Aquiles?

Ifigênia — Eu não confiaria nele. Ele é parte ou está para se tornar parte do *establishment*.

Orestes — Precisamos de ambos, Pylades e Aquiles. Pylades pode recrutar os homens. Aquiles pode providenciar as armas. Homens e armas conduzirão a revolta contra o poder dos profetas.

Ifigênia — Atrás dos sacerdotes está o exército. Na cabeça do exército está o rei, nosso pai. Não quero prejudicá-lo por minha causa.

Orestes — Se tivermos que escolher entre você e ele, será ele que nós sacrificaremos. Não é mesmo, Electra?

Electra — Sim, irmão.

Ifigênia — Eu quis amor e estou cercada de ódio. Eu quis paz, e a violência está sendo preparada. Não foi a guerra suficiente? Será a guerra civil necessária?

Orestes — É uma guerra defensiva e nós estamos do lado da justiça. Queremos protegê-la das injúrias e do mal.

Ifigênia — Se me salvar implica mais mortes, então, talvez, eu deva ir para o sacrifício.

Electra — Porque você está tão hesitante? Você costumava amar a vida. Você me ensinou a ver beleza na realidade. Você sempre retratou a morte como feia.

Ifigênia — Estou enlouquecendo. Eu já não sei mais o que estou dizendo. Eu desprezo tiranos. Eu gostaria de ver o fim de todas as tiranias, mas posto que um dos tiranos é nosso pai, estou reticente em deixar alguém levantar as mãos contra ele.

Electra — Nós não precisamos machucá-lo.

Orestes — Nós precisamos apenas imobilizá-lo.

Ifigênia em Utopia

Ifigênia — Nós lhe devemos a vida. Sem ele nós não existiríamos.

Orestes — Isto não deveria lhe dar o direito de vida ou morte sobre nós.

Ifigênia — É o que os deuses pensam.

Electra — Então, hoje é você, e amanhã poderá ser nossa vez, se tal for o capricho dos deuses.

Orestes — Não. Devemos sem dúvida reagir, salvar-te hoje, salvar-nos amanhã, salvar qualquer possível vítima futura. Todos os meios são válidos.

Ifigênia — Não, não usaremos os meios deles. Suas intrigas, sua corrupção, sua opressão. Deve haver um elo quebrado em algum lugar na cadeia de violência.

Electra — Violência apenas gera violência.

Ifigênia — E nossa violência, não geraria mais violência? Seria nossa violência melhor do que a deles?

Orestes — Pylades diz que seria a violência final. Não uma violência da vingança, mas uma violência da justiça. Então, todas as armas seriam destruídas. Não haveria mais necessidade de violência, opressão, autoridade.

Electra — Mas onde está Pylades? Quando ele voltará? Vá procurá-lo, Orestes. Eu mantereí Ifigênia aqui, escondida.

Cena 3

No campo, andando na escuridão.

[*Orestes e Pylades*]

Orestes é representado por um coro de mulheres vestidas de negro. E Pylades por um coro de mulheres vestidas de vermelho. Gesticulando quando necessário, sentenças silabadas, comentários livres dos membros do coro.

Orestes — Eu andei por horas na escuridão procurando por você, ao longo das trilhas que você me mostrou. Eu peguei um atalho através da floresta, atravessei a ponte de madeira sobre o rio.

Pylades — Vamos voltar para o palácio. Trezentos homens foram avisados e estão esperando por nós no vale abaixo do castelo. Devemos nos encontrar com Aquiles e então poderemos atacar.

Orestes — Mas você espera que trezentos pastores e camponeses sejam capazes de atacar três mil soldados?

Pylades — Sua determinação, sua coragem, o efeito surpresa e a ajuda de Aquiles constituirão a diferença.

Orestes — E se falharmos?

Pylades — Não falharemos. Nós temos a verdade, nós representamos a esperança, nós defendemos uma boa causa. Os soldados são apenas mercenários. Eles são pagos para lutar. Eles não têm ideais. Eles vendem seus serviços àqueles que os pagam melhor.

Orestes — Poderiam eles ser conquistados para nossa causa?

Ifigênia em Utopia

Pylades — Não temos tempo para proselitismo agora. Devemos agir. Nós os convenceremos mais tarde. Eles se convencerão sozinhos. Na escola da liberdade.

Orestes — Ifigênia preocupava-se com que nenhum sangue fosse derramado por sua causa.

Pylades — Não esperamos nenhuma resistência. Muitos deles estarão dormindo. Eles nem perceberão o que acontece.

Orestes — E as sentinelas?

Pylades — Os guardas serão pegos de surpresa e desarmados.

Orestes — E se reagirem?

Pylades — Bem, então haverá um duelo. Tentaremos nos livrar de suas espadas.

Orestes — Mas seus camponeses e pastores certamente não são mestres em artes marciais...

Pylades — Um pouco de poeira nos olhos, um chute na canela, uma pedra no local certo irão desequilibrá-los ou deixá-los temporariamente não agressivos.

Orestes — Supondo que nossos trezentos voluntários possam desarmar três mil soldados. Como vocês vão mantê-los tranquilos?

Pylades — Imediatamente após o fim da sublevação nós os reuniremos e anunciaremos que a guerra acabou, para sempre; que os seus serviços não serão mais necessários, que eles podem voltar para suas famílias, seus lares e cuidar das cabras e ovelhas, das suas oliveiras, de suas abelhas.

Orestes — E os oficiais, os dignatários, os sacerdotes, o que deveríamos fazer com eles?

Pylades — Contar-lhes que sua função não é mais necessária. Mas, se eles quiserem, poderão ficar e ser ativos, úteis e criativos como qualquer outra pessoa, ou...

Orestes — Ou?

Pylades — Ou eles deverão ir para qualquer outro lugar. O mundo não se limita a Argos. Daremos a eles um barco repleto de provisões e eles poderão se instalar em outra região. Em outro país. Até atuar como reis e sacerdotes lá, desde que nos deixem em paz.

Orestes — E Aquiles?

Pylades — Aquiles será feliz com Ifigênia, talvez vá para Tróia disseminar o bom trabalho, ou pode ser que escolha ficar conosco e nos ajudar a construir a nova ordem de paz e liberdade.

Orestes — Não estou certo de que Ifigênia esteja apaixonada por ele. Ela pode ter outros planos.

Pylades — Você sabe algo específico?

Orestes — Minha idéia é que ela estaria melhor com alguém como você, na verdade, com você, Pylades.

Pylades — Um pastor e uma princesa? Eles não se misturam.

Orestes — Ela não será mais uma princesa, lembra-se? Não foi você mesmo quem me disse que sou seu amigo e não seu príncipe?

Pylades — Ela continuará a ser uma princesa por sua beleza.

Orestes — A você também não falta beleza, e conhecendo você e ela, tenho certeza que você poderá fazê-la feliz.

Ifigênia em Utopia

Pylades — Preciso confessar que sou suscetível aos seus encantos. Mas deixemos de sonhar. Agora em primeiro lugar precisamos salvá-la. E a nós. A todos e a tudo. Agora, escute: retorne ao castelo. Quando a lua estiver acima daquela árvore, eu estarei chegando com nossos homens. Vá e procure Aquiles e vamos nos encontrar para os últimos detalhes. Eu esperarei vocês naquela cabana onde comemos queijo e olivas juntos ontem.

Orestes — Eu me lembro. Estarei lá com Aquiles muito antes do amanhecer. Boa sorte!

Pylades — Tome cuidado quando se defrontar com a castanheira, há uma armadilha para lebres, não caia nela.

Orestes — Eu me lembrarei.

Pylades — Lá, há outra para ursos, do outro lado do córrego. Os vagalumes vão guiar seu caminho.

Orestes — Estarei atento e prestarei atenção em meus passos.

Cena 4

Próximo ao palácio

[*Aquiles, Orestes e Pylades*]

Aquiles — (*Apontando Pylades*) Então, este é o conspirador.

Pylades — Sou um de uma legião bem decidida.

Aquiles — Quantos soldados você comanda?

Pylades — Eu não comando nenhum soldado. Cada um é igual neste grupo.

Aquiles — Você não pode liderar uma guerra ou uma batalha sem soldados armados e bem treinados e oficiais bem preparados.

Pylades — Você é um guerreiro profissional, nós lutamos por um ideal.

Orestes — Todos os seus camaradas são civis, camponeses e pastores.

Aquiles — É deste modo que querem mudar a situação?

Orestes — Pensamos que com sua estratégia e cooperação...

Pylades — Apesar de tudo, você é o especialista.

Aquiles — De qualquer modo, qual é seu plano?

Pylades — Pediríamos para você nos trazer uniformes de dois dos seus ajudantes.

Aquiles — Isso é possível.

Pylades — Para que dois de nossos camaradas os vistam.

Orestes — Com suas espadas também?

Pylades — Você iria para o arsenal usando a senha. Então, desarmaria a sentinela de cada porta. Até ter acesso às armas. Então, um de nossos camaradas obteria uma espada. Cinquenta deles correriam para o palácio, desarmariam os guardas, imobilizariam os sacerdotes, os oficiais e o rei, enquanto outros duzentos e cinquenta cercariam os soldados que dormiriam em suas tendas, lá embaixo, na baía perto da praia.

Aquiles — Por que prender os sacerdotes?

Pylades — Um desses fanáticos usando a eloqüência e o carisma que tem sobre os soldados poderia estragar tudo.

Ifigênia em Utopia

Aquiles — Você não teme que os deuses sejam ofendidos, se você maltratar os sacerdotes ou se opuser a seus desejos?

Orestes — Se os deuses existissem, se eles realmente soubessem tudo o que pensamos e fazemos, eles não poderiam admitir as ações dos sacerdotes ou dos tiranos e eles veriam nossas boas intenções e nos protegeriam.

Aquiles — Ambos duvidam da existência dos deuses?

Pylades (resoluto) — Eu duvido.

Aquiles — E você, Orestes, o filho de Agamêmnon e Clytemnestra, você também nega a existência dos deuses?

Orestes — A questão é irrelevante agora que a vida da minha irmã está em perigo.

Aquiles — Mas quem criou a terra e o homem se não foram os deuses?

Pylades — A terra é eterna como você acredita que os deuses são.

Aquiles — E o homem?

Pylades — O homem veio do mar.

Aquiles — E de onde veio o mar?

Pylades — É parte da natureza.

Aquiles — E o que é a natureza?

Pylades — Pura matéria.

Aquiles — E quem criou a matéria? Não foram os deuses?

Pylades — Se os deuses são feitos de matéria, então eles pertencem à natureza. Se a matéria está fora deles, então eles não a criaram.

Orestes — Faz algum sentido argumentar sobre matéria e natureza e os deuses quando a ameaça é tão iminente?

Pylades — Você está absolutamente certo, temos que agir agora.

(Separam-se e cada um vai por um caminho diferente)

Cena 5

Templo

[Aquiles e Calchas]

Aquiles — Perdoe-me por perturbá-lo tão cedo.

Calchas — Isto não é nenhuma perturbação, filho. Você sabe que eu medito e rezo uma boa parte da noite.

Aquiles — Pode alguém fazer qualquer coisa pela mulher que ama?

Calchas — Amor é o motor de tudo que se move.

Aquiles — Podem os deuses ser ofendidos pelo amor que alguém dedica a uma mulher?

Calchas — Apenas se esse amor afastar alguém do fervor religioso. Apenas quando o amor torna-se uma obsessão. Apenas quando o amor faz alguém esquecer-se de seus deveres morais. Apenas quando o amor vai contra o interesse dos deuses.

Aquiles — Às vezes a questão é tão intrincada que alguém sozinho não pode decidir se está ou não ofendendo os deuses, contrariando seus desejos.

Calchas — Mas esse é exatamente o porquê de existirmos. Esse é o porquê de eu estar aqui, ouvindo você,

Ifigênia em Utopia

nesta hora tão cedo. Nós somos médicos da alma. Você pode me contar tudo. Eu saberei ouvir. Eu entenderei, compreenderei, perdooarei se necessário, o ajudarei, lhe darei conselhos.

Aquiles — O fardo é muito pesado para eu suportar sozinho.

Calchas — Confie em mim. Fale claramente.

Aquiles — Eu amo Ifigênia.

Calchas — Sei...

Aquiles — Eu quero me casar com ela.

Calchas — Agamêmnon se opõe a tal casamento.

Aquiles — Menelau me contou que ele poderia mudar de idéia.

Calchas — Outro destino é reservado a ela. Mas você pode pedir a mão de Electra. Ela é muito jovem agora, mas...

Aquiles — É Ifigênia a quem amo, e a mais ninguém.

Calchas — Ifigênia foi chamada pelos deuses para uma vida melhor.

Aquiles — Podemos fazer acordos com os deuses?

Calchas — Não, mas o que você tem em mente?

Aquiles — Se você interceder junto aos deuses por mim, então eu farei algo em seu favor.

Calchas — O que você poderia fazer por mim?

Aquiles — Salvar sua posição e, possivelmente, sua vida.

Calchas — Minha vida está em perigo?

Aquiles — Pode ser. Complôs estão sendo concebidos contra você.

Calchas — Por quem? Quando? Como?

Aquiles — Eu fui convidado por Menelau a ajudá-lo, e a Agamêmnon, a salvar Ifigênia.

Calchas — Agamêmnon está na conspiração?

Aquiles — Provavelmente não, mas Clytemnestra.

Calchas — Esqueça-a. Quem mais?

Aquiles — O irmão de Ifigênia.

Calchas — Ele é um sonhador, não é perigoso.

Aquiles — E Pylades, o pastor, amigo de Orestes.

Calchas — O que ele pode fazer com seu rebanho?

Aquiles — Não o subestime; ele foi capaz de incitar trezentos acólitos.

Calchas — Precisamos recorrer a medidas de segurança. Quando isso está para ocorrer?

Aquiles — Eu lhe contarei em seguida. Mas, primeiro, responda-me francamente: pode você, podemos nós salvarmos Ifigênia? Podemos desobedecer aos deuses?

Calchas — Primeiro nós devemos salvar o reino.

Aquiles — E então?

Calchas — Não posso prometer. Talvez possamos convencer os deuses a aceitar o sacrifício de Electra no lugar. Afinal, ela é a irmã mais nova, e pertence ao mesmo sangue. Agora, vamos agir.

Ifigênia em Utopia

QUARTO ATO

Cena 1

Aposentos do rei

[*Calchas e Agamêmnon*]

Agamêmnon — O que o traz aqui no meio da noite?

Calchas — Perdoe-me pela intrusão, mas se eu não tivesse vindo sem demora talvez esta fosse sua última noite.

Agamêmnon — O que está acontecendo?

Calchas — Traição, revolta, complôs, deslealdade, rebelião, insurreição, blasfêmia...

Agamêmnon — Quem está conspirando contra quem?

Calchas — Sua filha, seus filhos, seu irmão, talvez até mesmo sua esposa...

Agamêmnon — Ifigênia ousou?

Calchas — Sim, e todos também.

Agamêmnon — O que eles podem fazer sozinhos?

Calchas — Pylades está com eles.

Agamêmnon — Aquele plebeu. Eu não deveria ter deixado Orestes se corromper ao brincar com ele. Eu achei que meu filho se tornaria mais viril e forte no contato com a vida cotidiana do povo rude e trabalhador. Eu farei com que Pylades seja acorrentado e chicoteado cem vezes, na frente de todos, para servir de exemplo. E então fazer dele um escravo. Mas você está intimidado por um pastor desarmado e ignorante?

Calchas — Ele reuniu trezentos como ele.

Agamêmnon — Trezentos não serão suficientes para fazer minha coroa tremer. Nós podemos contar com três mil soldados.

Calchas — Dos quais dois mil e novecentos estão agora dormindo.

Agamêmnon — Mas onde eles obterão armas? Eles não vão ameaçar nosso exército com paus e pedras!

Calchas — Eles têm planos, e uma estratégia.

Agamêmnon — Alguns de nossos oficiais desertaram?

Calchas — Pior, eles conseguiram convencer Aquiles...

Agamêmnon — Um príncipe do lado deles?

Calchas — Em um momento de delírio. Felizmente, ele recobrou seus sentidos. Ele nos alertou bem a tempo.

Agamêmnon — Para quando foi combinada a revolta?

Calchas — Nesta manhã. Em algumas horas. Você entende agora por que eu ousei perturbá-lo e interromper seu sono?

Agamêmnon — Qual foi a sorte destinada a mim?

Calchas — Você seria enforcado no lugar de Ifigênia.

Agamêmnon — E Clytemnestra?

Calchas — A ela seria destinado o mesmo tratamento.

Agamêmnon — Um parricídio. Vejo agora porque os deuses quiseram o sacrifício dela. Porque eles souberam o que ocorreria se...

Calchas — Se você os tivesse desobedecido. Agamêmnon, eu sempre te assegurei que os deuses são infalíveis e têm suas boas razões para cada ação. Eles se ex-

Ifigênia em Utopia

pressam corretamente por caminhos tortuosos. Nunca duvide deles.

Agamêmnon — Eu peço desculpas. Minha fraqueza não foi régia, mas meramente humana. Eu hesitei pela compaixão por uma pobre, jovem e indefesa menina. Eu não sabia que tinha gerado uma víbora. Vamos esmagá-la!

Cena 2

Mesmo aposento

[*Agamêmnon, Clytemnestra, Calchas*]

Clytemnestra — Por que toda esta excitação? Eu ouvi vozes agitadas: algum perigo iminente sobre nós?

Agamêmnon — Nós estamos sendo apunhalados nas costas por, por, por...

Clytemnestra — Não gagueje! Diga-me o nome do infame...

Agamêmnon — Nossos próprios filhos. Aquelas pequenas belezas a quem você deu a vida com dor.

Clytemnestra — Eu respeitei Lida e Tyndareus. Eu os obedeci. Eu achava minha mãe a mulher mais bela do reino e meu pai o melhor dos pais e o melhor homem. Por que nossas crianças não poderiam ser como nós? Amar seus pais como nós amamos os nossos?

Agamêmnon — Sorte a sua, que pode ao menos admirar os seus pais. Eu não posso nem ter essa satisfação. Eu não pude respeitar meus pais e não sou respeitado nem amado pelos meus filhos.

Calchas — Os reis têm milhares de filhos... Todos os seus súditos são seus filhos. Para cada podre Ifigênia

você encontrará milhares de outras prontas para sacrificar suas vidas pelo reino.

Clytemnestra — Eu os eduquei para respeitar as tradições, a lei, os deuses. O que deu errado?

Calchas — Não se culpe. Os deuses sabem distinguir o bem e o mal. Você não tem nada pelo qual deva se repreender. Nós não somos responsáveis por tudo que dá errado no mundo.

Clytemnestra — Mas quando acontece próximo de você, em sua própria família, você diz a si mesmo que talvez tenha feito algo errado...

Calchas — Você fez algo errado, se não refutar este meu relato. Você conspirou com Menelau e Aquiles...

Clytemnestra — Eu estava apenas empenhada em salvar Ifigênia da ira dos deuses.

Calchas — Não fale sobre ira. Os deuses apenas querem justiça. Seu erro foi duvidar disso.

Clytemnestra — Como eu poderia enxergar os designios secretos dos deuses por trás do sacrifício de uma vítima inocente?

Calchas — Não tão inocente, como pode ver. Precisou apenas de algumas horas para ela estragar Electra e Orestes e, se os deuses não tivessem iluminado Aquiles, nós todos estaríamos perdidos.

Clytemnestra — Como eu poderia prever tanta perversidade em corações tão jovens? Onde estão eles? O que eles estão fazendo agora? Onde está Aquiles? Eu quero saber a verdade de sua própria boca. Mande buscá-lo imediatamente.

Calchas — Eu tenho todos os detalhes da conspiração.

Ifigênia em Utopia

Agamêmnon — Nós precisamos ouvir deles quais medidas deverão ser tomadas. Queremos prender todos os culpados.

Cena 3

Mesmo aposento

[*Agamêmnon, Clymemnestra, Calchas, Aquiles*]

Calchas — Eu revelei ao rei e à rainha qual seria sua parte nesta insurreição. Eles o perdoaram, sabendo dos seus sentimentos por Ifigênia.

Aquiles — Eu estava cego pela sua beleza e pela esperança de obter sua mão.

Agamêmnon — Como podemos frustrar o complô?

Aquiles — Duzentos e cinqüenta homens estão cercando nossos soldados que estão dormindo. Suspeito que os pastores prepararam uma bebida para manter os soldados adormecidos e sem se dar conta do que está acontecendo.

Agamêmnon — Quer dizer que não podemos contar com nossos soldados?

Aquiles — Apenas cinqüenta insurgentes atacam o palácio. Nós vamos prevenir os guardas um por um.

Agamêmnon — E as armas? Quais armas eles podem usar?

Aquiles — Eles planejaram atacar o arsenal com dois de seus homens e minha ajuda.

Agamêmnon — Não devemos fazer com que suspeitem de você. Manteremos o encontro marcado, traga os dois homens disfarçados. Quando eles chamarem e dei-

xarem entrar seus camaradas, nós os mataremos um a um. Vamos pendurar seus corpos na parede mais alta do Castelo, acender tochas e mostrar a quem quer que queira resistir a nós que esse será seu derradeiro destino.

Calchas — Uma punição exemplar. E ninguém depois disso ousará duvidar do poder dos deuses.

Agamêmnon — E dos reis.

Calchas — Claro, dos reis também.

Clytemnestra — O que faremos com Ifigênia. Electra e Orestes?

Calchas — Nós deliberaremos sobre isso mais tarde. Eu perguntarei aos deuses se há alguma mudança em sua vontade. Um sacrificio deve ser realizado. Se houver sobreviventes, eles devem ser banidos para sempre de Argos.

Agamêmnon — A lei do rei deve ser ainda mais dura do que a dos deuses.

Clytemnestra — Sem clemência?

Agamêmnon — Veremos. Envie os guardas para prendê-los.

Calchas — Eu transmitirei suas ordens imediatamente. (*Retira-se*)

Agamêmnon — Bem, Aquiles. Quais problemas de fronteira temos pendentes?

Aquiles — Estamos prontos para encerrar a disputa se...

Agamêmnon — Suas condições são nossas condições. Os deuses e o rei serão eternamente gratos a você. Você salvou Argos, e mais do que apenas Argos, em um momento difícil de sua história.

Ifigênia em Utopia

Aquiles — Espere para me agradecer quando estiver tudo resolvido.

Cena 4

Mesmo aposento

[*Agamêmnon, Clytemnestra, Aquiles, Calchas*]

(*Calchas abre a porta seguido por dois guardas, depois Ifigênia, Electra, Orestes e dois outros guardas*)

Ifigênia — Então, todos farinha do mesmo saco!

Calchas — Você deveria ter mais respeito pela idade e autoridade.

Ifigênia — Idade e autoridade devem primeiro fazer por merecer respeito. Aqui eu vejo um tirano e seus cúmplices.

Calchas — Aquele a quem você ousa chamar de tirano é o pai da pátria e seu próprio pai.

Ifigênia — Um pai que não hesita em condenar seus filhos assim como seus súditos.

Calchas — Os deuses condenaram você e a lei condena os súditos. O rei está aqui apenas para sancionar e executar.

Electra — Nós não confiamos nesses deuses que se parecem, pensam e agem como o Ogro dos contos de fadas.

Orestes — Nós não obedecemos a deuses vingativos.

Ifigênia — O fim do vosso poder se aproxima. O povo despertou. Amanhã ninguém obedecerá mais suas ordens (*para Agamêmnon*). E (*para Calchas*) seus deuses

lhe enviam a mensagem que você deve procurar outra ocupação, possivelmente menos parasita.

Clytemnestra — Estou atônita. Não a reconheço da semana passada, de ontem.

Ifigênia — Se você tivesse prestado mais atenção em mim, teria percebido minha evolução, mas você estava muito ocupada com você mesma, em se entreter ou restaurar sua beleza e outras ocupações frívolas.

Clytemnestra — Você está sugerindo que a negligenciei?

Agamêmnon — Os aspectos familiares desta discussão não são os mais sérios. Nós acusamos vocês, vocês três, de conspirarem contra segurança do reino. O que vocês têm a responder?

Ifigênia — Que estamos conspirando para restaurar a dignidade e a decência no reino.

Orestes — Que estamos conspirando para substituir o reino pelo primado dos homens.

Electra — Em nossa nova ordem nem mesmo os cavalos terão arreios.

Clytemnestra — Ontem vocês ainda estavam mamando no peito e hoje me dão lições de ética? É um absurdo. O mundo está de cabeça para baixo.

Agamêmnon — Bastal Guardas, leve-os embora!

Electra — (*Corre em direção a Aquiles e cospe nele*) Traidor!

Ifigênia — Vocês podem nos prender. Aprisionar-nos. Amordaçar-nos, mas nunca matarão nossas vozes. Nossas vozes viverão, irão se multiplicar, irão se tornar um tumulto. Se não hoje, amanhã, em uma semana, em um mês, em um ano, em um século, mas chegará o dia

Ifigênia em Utopia

em que todos os dissidentes estarão unidos e em uníssono lhes dirão: basta de reinos, basta de tiranos, o dia do homem, da humanidade livre, chegou! E vocês serão esquecidos, apagados pela história.

Orestes — Nós não falharemos. O Reino da injustiça e do ódio, da opressão e da miséria está morto. Abaixo o rei e todos os reis!

Calchas — Herege!

Clytemnestra — Não posso mais suportar isso.

Agamêmnon — Prenda-os!

Cena 5*Cela*

[*Ifigênia e Pylades*]

Pylades — Princesa, aproxime-se da janela, por favor.

Ifigênia — Pylades, tenha cuidado. Se você ainda está livre, fuja o mais rápido que puder. Nós fomos traídos e todos presos.

Pylades — Nossos homens cercaram o acampamento e o palácio.

Ifigênia — Aquiles não ajudará seus camaradas.

Pylades — Eu mesmo atacarei o arsenal. Eu sei o que fazer.

Ifigênia — Não se exponha. O alarme foi dado. Eles tomaram suas precauções. Perdemos.

Pylades — Se nós perdemos esta, retornaremos, mais numerosos, melhor preparados. Nós triunfaremos.

Ifigênia — Eu peço desculpas por ter causado todo este tumulto. Detenha seus amigos enquanto vocês ainda têm tempo. Eu não quero ser a causa de sacrifício inútil.

Pylades — Princesa, ou camarada: cada um de nós não está lutando por você apenas, embora a indignação ao que você foi condenada é por si só um motivo para solidariedade, mas cada um está lutando para si mesmo e para sua família, está lutando pelo futuro. A vida deles é sem valor neste reino e não há melhor causa pela qual eles arriscariam a morte.

Ifigênia — Suas idéias são muito nobres mas, a não ser que o acaso esteja de nosso lado, devemos evitar confrontação.

Pylades — É na luta que o homem obtém a real medida de suas possibilidades e de suas limitações. Anos, décadas, e séculos de subjugação nos fizeram acostumados a obedecer, a dobrar os joelhos. A era do homem, do homem livre, está para começar; este é apenas o início e o combate vai durar tanto quanto for necessário.

Ifigênia — O *establishment* tem numerosos e inacreditáveis recursos. Eles têm uma resposta para tudo. Eles sabem como dividir-nos para dominar. Eles usam estratégias e, se isso não funciona, então eles recorrem à força.

Pylades — Não há obstáculo que o homem não possa superar quando não há nada a perder exceto os grilhões.

Ifigênia — Espero que você esteja certo!

Ifigênia — Você deve ir agora, amanhece, você está em perigo. (*Zumbido de vozes*) Os soldados estão vindo. Talvez eles estejam procurando por você ou talvez minha hora tenha chegado.

Ifigênia em Utopia

Pylades — Talvez aquelas sejam as vozes de nossos camaradas, que vieram resgatar você, libertar Electra e Orestes...

Ifigênia — (*Berros e gritos e ameaças*) Escute: eles estão lutando. Talvez...

A luz se torna mais brilhante. É dia pleno (talvez um galo cante). Soldados e insurgentes gritam:

— Eleutheria, thanatos, eleutheria, thanatos, eleutheria, than...

fim

Tradução do inglês por Beatriz Scigliano Carneiro e revisão técnica por Andre Degenszajn.

Recebido para publicação em 15 de agosto de 2006. Confirmado em 6 de agosto de 2007.